

PSOL quer o fim da desigualdade social

Por Camila Beraldo Maia,
Guilherme Zocchio
e Paula de Paula

Candidato do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) à presidência do país, Plínio Arruda Sampaio fala ao Contraponto a respeito de suas propostas e divergências com outros partidos

Das entrevistas feitas pelo **Contraponto**, a com Plínio Arruda Sampaio foi uma das mais difíceis de se cumprir. Mesmo após um mês do começo das tentativas, as respostas às perguntas feitas por *e-mail* ao candidato chegaram ao jornal somente em cima da hora do fechamento. Parte dessa dificuldade aconteceu em função do maior assédio da mídia em cima de Plínio, após o debate com os candidatos a presidente realizado pela Rede de Televisão Bandeirantes, no último dia 5. Caso as respostas não chegassem a tempo do fechamento, uma justificativa, explicando toda a dificuldade para contatar o candidato, seria publicada no lugar. Mas está pronta. As perguntas buscaram enfatizar temas importantes às candidaturas de esquerda hoje no Brasil, como as divergências políticas, as propostas sociais e também a omissão da mídia.

Contraponto – Você acredita que o Brasil seja capaz de alcançar o socialismo através das eleições, isto é, por meio de uma votação num sistema de democracia representativa?

Plínio Arruda Sampaio – Nunca disse que vamos chegar ao socialismo pela eleição. A proposta do PSOL é ajudar a construir uma correlação de forças que permita avançar pra transformação social.

CP – Em 2006, o seu partido, formou com candidatura de Heloísa Helena uma coligação chamada “Frente de Esquerda”, que foi a terceira mais votada no 1º turno das eleições, com quase 7% dos votos. Este ano o seu partido, o PCB e o PSTU preferiram lançar cada um a própria candidatura. Por que isso?



Reprodução

PS – Acho que o PSTU e o PCB tiveram receio que nós do PSOL impuséssemos um certo hegemonismo na Frente de Esquerda, coisa que nem nós queríamos.

CP – E quais os principais pontos de discordância, hoje, entre o seu partido e os demais? Tem algum ponto em específico na proposta de campanha que o diferencia dos outros?

PS – As diferenças são de forma de atuação. Somos todos socialistas.

CP – Desde a guinada do PT ao centro (ou à direita, como preferir), a esquerda vive hoje um momento conturbado de desarticulação. Não seriam as eleições um bom momento para a união dos vários partidos de esquerda numa causa comum? Por que essa insistência em continuar separada?

PS – A dificuldade de unir a esquerda é porque

aqui se debatem idéias, projetos. Aí a briga é muito maior. Na direita eles também brigam horrores, mas brigam por negócios, por isso é mais fácil juntar e passar por cima das diferenças.

CP – Nos debates televisivos, o PSOL só será chamado porque possui parlamentares. Agora, como superar isso? Você tem algum plano para contornar isso, de modo que consiga apresentar ao país sua proposta?

PS – Só com a democratização real do país, com o povo organizado. Até lá é importante também uma reforma política que garanta financiamento público de campanha sem dinheiro pros partidos, controlado pelo TSE. E o mesmo tempo de TV pra todo mundo. Mas também precisa de pressão do povo para isso.

“Nunca disse que vamos chegar ao socialismo pela eleição. A proposta do PSOL é ajudar a construir uma correlação de forças que permita avançar pra transformação social”

CP – Devido à atual lei, o seu partido terá pouco tempo, em relação a PT e PSDB – por exemplo –, no programa eleitoral gratuito. Como pretende utilizar este tempo, pretende focar mais em quais pontos para levantar sua proposta?

PS – Um minuto não é pouco não. Os comerciais têm 30 segundos. Vamos defender o fim da desigualdade social, a reforma agrária, a educação e a saúde totalmente públicas e a redução da jornada de trabalho. O que não der pra falar no programa vamos jogar na internet.

CP – Para a não formação da Frente de Esquerda neste ano, tanto PSTU quanto PCB afirmaram que um dos motivos foi a demora do PSOL em definir o candidato à presidência. No processo interno do seu partido, o PSOL, também houve um problema que foi, segundo o que aparecia em manifestos de PCB e PSTU, o lançamento de sua candidatura antes da decisão feito por uma das correntes que te apóia. Uma atitude assim não teria prejudicado mais uma chance real da esquerda novamente se unir? Ou isso realmente não aconteceu?

PS – De fato, o PSOL demorou a tomar uma decisão e isso dificultou a unidade, mas poderíamos ter saído juntos depois de abril e fiz tudo o que pude para isso. Estaríamos mais fortes agora. Mas os companheiros têm todo o direito de lançar suas candidaturas.

Existem outros três e outros mais

A corrida para as eleições presidenciais de 2010 já começou, e quem saiu na frente foi a mídia brasileira, que pauta a cobertura de acordo com seus interesses. A sociedade foi apresentada ao grupo dos “três presidenciais”, composto por José Serra (PSDB), Dilma Rousseff (PT), e Marina Silva (PV). O debate eleitoral é centrado neste grupo reduzido, ignorando um cenário composto por outros seis candidatos: Plínio Arruda Sampaio (PSOL), Ivan Pinheiro (PCB), Zé Maria (PSTU), José Maria Eymael (PSDC), Levy Fidelix (PRTB) e Rui Costa Pimenta (PCO), os chamados “nanicos”.

Os projetos de governo dos três líderes das pesquisas em pouco divergem, possuindo em comum o fato de serem defensores das políticas neoliberais, e que governarão em nome dos interesses privados das empresas financiadoras de suas campanhas. Os conglomerados da mídia, de relação íntima com o poder, dão visibilidade apenas a essas candidaturas, promovendo um debate político limitado a trocas de farpas e desprovido de confrontos ideológicos.

Os demais não são ouvidos, e suas propostas não chegam à população. Entretanto, os meios de comunicação permanecem “neutros”, alegando não preferirem ou desprezarem nenhum partido, levando o eleitor a crer que aquilo que é apresentado é um retrato imparcial do cenário eleitoral.

Buscando promover o debate, o **Contraponto** conversou com três candidatas que apresentam uma alternativa ao país, propondo mudanças efetivas na sociedade. Apesar disso, suas candidaturas bem como suas idéias mantêm-se desconhecidas e silenciadas na imprensa.

guizocchio@gmail.com

pauladepaula2@gmail.com